SILOVIKI: OS HOMENS DE CONFIANÇA DE PUTIN

*Por Carlos Planells**



Imagem meramente ilustrativa, gerada por inteligência artificial.

Nos bastidores do Kremlin, os siloviki disputam poder, influenciam e são influenciados por Putin e moldam os serviços de segurança que projetam a política russa, da repressão interna à guerra na Ucrânia.

Quando ouvimos falar em Rússia, especialmente em um contexto político, a figura de Vladimir Putin surge de forma indissociável. No entanto, o presidente da Federação, aparentemente onipresente, soube, ao longo de sua extensa trajetória política, cercar-se de um círculo de homens de confiança que, em grande medida, gerenciam os bastidores da política, da economia e da segurança do maior país do planeta.

Esse é o grupo dos chamados *siloviki*. Quem são esses homens? De onde vêm e qual é o seu papel na Rússia atual, especialmente no conflito militar na Ucrânia?

SILOVIKI, OS “MINISTROS DA FORÇA”

A palavra “siloviki” deriva de “sila”, que significa “força”. Portanto, os siloviki são considerados “ministros da força” ou membros dos “ministérios da força”; isto é, as agências autorizadas a utilizar violência para responder a ameaças à segurança nacional.

Dentro do mosaico de agências que operam na Rússia nessa área, destacam-se o Serviço Federal de Segurança (FSB) – sucessor da KGB soviética –, o Serviço de Inteligência Estrangeira (SVR) e o serviço de inteligência militar das Forças Armadas (GRU), cada um com liderança, recursos e interesses distintos.



Principais estruturas ligadas aos siloviki: FSB, SVR e GRU/GU são serviços distintos; o Conselho de Segurança coordena políticas, mas não é um serviço de inteligência.

O fato é que, após a dissolução da União Soviética em 1991 e durante a transição para o capitalismo, a nova democracia liberal russa foi incapaz de criar um sistema de supervisão parlamentar sobre esses serviços de segurança, que chegaram a adquirir uma autonomia cada vez maior em suas ações. Os mecanismos internos permaneceram intactos, o que dificulta, até hoje, o controle de sua atuação por parte de atores independentes. Alguns dos nomes de maior destaque neste grupo são Nikolai Patrushev, secretário do Conselho de Segurança da Rússia de 2008 a 2024, Sergei Naryshkin, diretor do SVR, Alexander Bortnikov, diretor do FSB, e Sergei Shoigu, ex-ministro da Defesa e atual secretário do Conselho de Segurança.

Como se pode observar, muitos deles são membros do Conselho de Segurança da Rússia, órgão que toma, juntamente com o presidente, decisões sobre segurança nacional e outros assuntos de interesse estratégico. Alguns deles também ocupam cargos de destaque em importantes empresas estatais.

PUTIN E OS SERVIÇOS DE SEGURANÇA

Quando Vladimir Putin assumiu a presidência da Rússia no ano 2000, herdou do mandato de Boris Yeltsin um cenário complexo no que diz respeito aos serviços de segurança: a substituição das duas grandes agências soviéticas (KGB e GRU) por um mosaico de órgãos em feroz competição; a ausência de um sistema democrático de controle e prestação de contas; e a manutenção das funções, da liderança e do pessoal da era soviética.

Assim, Putin, que, a princípio, adotou uma postura conciliadora, mas deparou-se com os serviços secretos recuperando influência, optou por uma estratégia baseada em tornar o cenário institucional mais complexo, criando agências que rivalizassem entre si.

Dessa forma, o presidente russo conseguiu consolidar esses serviços secretos de maneira limitada, principalmente por meio do aumento de recursos. No entanto, embora o número de siloviki em cargos administrativos importantes tenha aumentado desde 2014, Putin não hesitou em intervir pontualmente, exonerando ocupantes de certos cargos, como o de Sergei Ivanov, chefe da Administração Presidencial, em 2016.

A incorporação dos siloviki a esses cargos não decorre, portanto, de um projeto unificado, mas do recrutamento de elites realizado por Putin e da natureza personalista da política russa.

Além disso, a confiança presidencial nessas figuras também surgiu como reação a certos eventos que marcaram uma mudança de rumo na política interna e externa do Kremlin: a Primavera Árabe, as Revoluções Coloridas, os protestos em Moscou em 2012 e o conflito na Ucrânia levaram a uma maior repressão interna e a uma atuação internacional mais assertiva.

Assim, Putin foi afastando tecnocratas de seu círculo, mas também perdeu a confiança em alguns siloviki devido à sua ineficiência política, reduzindo a frequência de reuniões com eles; contudo, manteve um círculo próximo que compartilha sua visão de governo, preferindo trabalhar com atores informais em vez de instituições.

DISPUTAS PELO PODER

Longe da visão ocidental que retrata os siloviki como um grupo coeso, a realidade apresenta um cenário muito mais complexo. Embora se configurem como uma facção do Kremlin distinta dos liberais e dos tecnocratas, existe uma hierarquia entre eles, com os agentes do FSB ocupando o topo. A ausência de um líder e a falta de espaços de trabalho conjunto acentuam essa questão.

Cada uma dessas agências possui, além disso, seus próprios interesses, que raramente coincidem com os de suas concorrentes, conflitos internos e capacidade de adaptação. Por

exemplo, enquanto desde 2022 o FSB adquiriu mais poder e reforçou o monopólio da informação que chega ao gabinete presidencial, acompanhando a guinada cada vez mais autoritária do regime, o SVR tem enfrentado problemas de autoridade e liderança.

Existem também tensões intergeracionais entre os siloviki, uma vez que a primeira geração tinha uma percepção de si mesma como uma "nova nobreza", algo que os mais jovens não compartilham. Estes últimos são menos propensos a apresentar ideias independentes ou contrárias a Putin e reconhecem a dificuldade de ascensão na carreira, o que gera desconfiança em relação aos siloviki mais veteranos que, além disso, permanecem em seus cargos.

Assim, eles não coordenam suas ações; em vez disso, ocorre uma competição entre grupos que, embora compartilhem o interesse na manutenção do *status quo*, protegendo-se mutuamente contra reformas que poderiam ameaçar os benefícios de que desfrutam graças à corrupção política, disputam entre si.

Por exemplo, os siloviki orquestraram o caso Yukos, no qual a referida petroleira foi absorvida pela estatal Rosneft e seu presidente, Mikhail Khodorkovsky, foi posteriormente preso sob acusação de corrupção, o que interrompeu radicalmente suas possíveis aspirações políticas.

UMA REDE DE PODER, NÃO UM BLOCO ÚNICO

FSB, SVR, GRU e outras estruturas de segurança disputam influência e recursos, e seus interesses nem sempre coincidem. O que os aproxima é uma visão de Estado centralizado e de uma Rússia ameaçada por forças externas, convicções comuns que coexistem com rivalidades internas.

UMA VISÃO DE MUNDO COMUM

Apesar dessas diferenças, há vários pontos que os siloviki compartilham. Um exemplo é sua formação, distinta da do restante da sociedade. No entanto, um dos elementos que mais se destaca é a visão comum que possuem da Rússia e do mundo, baseada em quatro pontos:

- A preferência por um Estado altamente centralizado, apoiado por grandes estruturas de segurança que empregam a força tanto dentro da legalidade quanto à margem dela.
- A cosmovisão da Rússia como uma nação ameaçada por forças externas, invejosas de sua riqueza natural e de seu *status* de potência.
- A autopercepção dos siloviki como a única elite capaz de compreender os perigos que a Rússia enfrenta e de articular uma resposta adequada.
- Sua estreita relação com a Igreja Ortodoxa Russa.

Os siloviki também compartilham algumas características, como a existência de códigos de conduta e honra, a obediência aos superiores, a lealdade e a disciplina, o direito de portar armas e a autoridade para punir aqueles que infrinjam esse código.

Dentre esses pontos, o mais influente na política externa do país tem sido a ideia da Rússia como uma nação ameaçada por inimigos externos que buscam a sua queda. Essa percepção foi reforçada pelos eventos mencionados anteriormente, vistos como demonstrações de "guerra híbrida" por parte dos Estados Unidos em seu esforço para implantar regimes políticos favoráveis no espaço pós-soviético.

Isso fez com que os serviços de segurança russos entrassem em um "modo de guerra" a partir de 2011 e 2012. Entre diversas ações de sabotagem na política externa, foram realizadas operações cibernéticas e interferências em parlamentos ocidentais, o grupo de mercenários Wagner foi integrado ao Africa Corps, houve intervenção ativa na guerra da Síria e ocorreu a expulsão em massa de funcionários de embaixadas russas no Ocidente sob suspeita de espionagem.

Por outro lado, internamente, mensagens dissidentes têm sido reprimidas com crescente força, conferindo mais poder ao FSB em prisões e investigações de corrupção, em meio à acentuada deriva autoritária do regime, o que tem destruído centros independentes da vida política e civil do país.

O PAPEL DOS SILOVIKI NA UCRÂNIA

O conflito que melhor exemplifica o que foi exposto neste artigo é o que ocorre no leste da Ucrânia. A situação no país vizinho desde 2014 reforçou, por um lado, a narrativa russa de interferência ocidental e, por outro, expôs alguns dos problemas desse modelo baseado nos serviços de segurança.

Para citar um exemplo, o FSB foi incapaz de prever a crise ucraniana, principalmente devido à sua falta de interesse em movimentos sociais. Assim, para justificar essa falha da inteligência russa, optou-se por culpar o Ocidente, adotando-se uma política mais agressiva e baseada nos siloviki, que atingiu seu auge na invasão da Crimeia em 2014.

A própria operação na Crimeia exemplificou a má gestão política de uma operação militar competente, uma vez que a escassez de agentes do FSB na península levou Putin a depositar maior confiança em figuras do ultranacionalismo.

A partir de 2022, com a invasão da Ucrânia em larga escala, o Grupo Wagner foi integrado ao Exército, enquanto o GRU passou a realizar ações de sabotagem na Europa como resposta às perdas sofridas pelas forças especiais. Outros órgãos, como o SVR, adaptaram-se de maneira mais irregular e descoordenada a esse novo contexto.

Da mesma forma, a elite dos siloviki tem fomentado uma retórica ucranófoba, apresentando a Ucrânia como um conceito antiortodoxo. Patrushev tem desempenhado um papel de destaque nesse aspecto, negando ativamente a existência de uma nação ou povo ucraniano e associando o país ao fascismo e à interferência norte-americana contra a Rússia, pensamento compartilhado por um amplo setor da esfera nacionalista pan-russa.

Em suma, apesar das mudanças ocorridas nos últimos anos, especialmente desde 2022, não parece que os serviços de inteligência perderão sua relevância a curto prazo. Eles contam com a confiança de Putin como instrumento de controle interno e externo, e também não se prevê uma melhora nas relações com o Ocidente.

O círculo de siloviki próximo ao presidente é, por sua vez, cada vez mais fechado e restrito, permanecendo apenas os mais influentes devido à sua proximidade e à visão compartilhada em relação ao Ocidente, enquanto a confiança em figuras externas diminui gradualmente. Assim, a política externa russa torna-se cada vez mais arriscada e imprevisível, tendência que, segundo especialistas, não deve ser revertida tão cedo.

Publicado no Descifrando la Guerra.

***Carlos Planells Serrat** é cientista político e professor de Geografia e História. Tem interesse em história e relações internacionais, especialmente da Europa Oriental, da antiga Iugoslávia e do espaço pós-soviético, e em propaganda política. Atuou no ensino médio, em projetos Erasmus+ e na redação e documentação sobre história e política, além de elaborar artigos para meios digitais. No escotismo, presta serviço no Grupo Escoteiro Fénix 215, atuando como educador não formal e realizando tarefas de comunicação e gestão. Também participou do Jamboree Mundial de 2023 e do Conselho da Juventude de Valência (Espanha). Além disso, dirige um projeto documental sobre os bairros do sul de Valência chamado Quartier. É apaixonado por cinema, cultura urbana e aprendizado constante.*
